



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia em comemoração ao Dia Internacional do Idoso**

**Palácio do Planalto, 01 de outubro de 2003**

Meu querido companheiro João Paulo Cunha, presidente da Câmara dos  
Deputados,

Meu caro companheiro Ricardo Berzoini, ministro da Previdência Social,  
Minha querida companheira Benedita da Silva, ministra de Assistência e  
Promoção Social,

Meu querido companheiro Humberto Costa, ministro da Saúde,  
Meu companheiro ministro-chefe da Secretaria-Geral, Luiz Dulci,  
Meu amigo Jorge Armando Félix, ministro-chefe do Gabinete de  
Segurança Institucional,

Companheiro Nilmário Miranda, secretário especial de Direitos  
Humanos,

Querida companheira Emília Fernandes, secretária especial de Políticas  
para as Mulheres,

Minha querida companheira, cara-metade, Marisa Letícia Lula da Silva,

Meu querido companheiro Paulo Paim, que durante todo o seu mandato  
se dedicou tanto, como deputado e como senador, para que os idosos  
conquistassem este estatuto, que agora foi aprovado e sancionado,

Querida companheira senadora Ideli Salvatti,

Meu amigo senador Maguito Vilela,

Senador Romeu Tuma, senador Sérgio Cabral Filho, senador  
Demóstenes Torres, senadora Fátima Cleide, senador Sérgio Zambiasi,

Meu querido deputado Silas Brasileiro,

Dom Raimundo Damasceno,

Minha querida Maria José, presidente do Conselho Nacional dos Direitos



dos Idosos,

Meus companheiros e companheiras membros do Conselho Nacional dos Direitos dos Idosos,

Representantes de outras entidades, e aqui eu quero homenagear a todos citando o nome do meu companheiro Benedito Marcílio, ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André; juntos, travamos grandes e boas batalhas neste país,

Meu companheiro que não está presente aqui, mas, certamente, espiritualmente está, Manoel Carlos, autor da novela,

Minha querida Carmem e meu querido Leopoldo. Vou chamá-los com os nomes com que todo o Brasil conhece vocês.

Houve um tempo em que os aposentados eram chamados de velhos. Eu acho que a palavra velho deveria ser abolida, ser trocada por “experiente”, como era na Antiguidade. Ou seja, as pessoas serem tratadas com um pouco mais de respeito.

A gente fica olhando as pessoas e se pergunta o seguinte: quem é velho? Sabe por quê? Porque o que torna uma pessoa velha, na verdade, são os maus tratos; é, às vezes, a doença. Mas hoje encontramos, por este país afora e aqui dentro, pessoas com 80, 85 anos, que a gente percebe que vão viver mais uns 30 anos, pelo menos, porque houve uma evolução na qualidade dos alimentos, na qualidade da saúde, na qualidade de vida. E as pessoas estão se tratando melhor.

Não é a idade que torna uma pessoa velha, são os maus tratos que tornam uma pessoa velha. Às vezes, andando pelo Brasil, encontramos pessoas com 40 anos de idade, mulheres com 35 anos de idade que já tiveram 9, 10 filhos, que não comem as calorias e as proteínas necessárias. E essas pessoas então ficam, precocemente, velhas. Mas eu estou olhando para vocês aqui e o que a gente poderia dizer? O que vemos, na verdade, é um bando de



meninas e meninos com o rosto enrugado. Alguns e algumas ainda participando de bailes. Tem até quem está na expectativa de arrumar namorado.

Porque a verdade é essa: não é a idade que envelhece as pessoas. Mais ainda, a gente não mede a nossa passagem pela Terra pela quantidade de anos que vive, apenas, mas pela qualidade dos prazeres que a gente teve enquanto viveu. Isso, eu acho que ninguém pode esquecer. Eu, pelo menos tenho a minha sogra, que mora comigo e com a Marisa. Não é mãe da Marisa, mas é minha sogra. Ela tem 75 anos. É de uma disposição que, se falar para ela que tem um passeio a pé daqui para a China, ela topa ir. Não tem nada que ela não esteja disposta a fazer. Eu acho que é isso que faz a gente viver um pouco mais. Por isso é que, meus amigos e minhas amigas, quando se aposentarem, por favor, não fiquem em casa atrapalhando a família. Tem que procurar alguma coisa para fazer. Vá a um clube, faça alguma coisa que possa tornar o seu dia prazeroso. Porque se você ficar disputando o espaço do sofá com o neto para ver um desenho animado ou um futebol, a sua vida vai ficar chata.

Quando completei 50 anos de idade, tomei uma decisão na minha vida. Eu sabia que eu tinha menos tempo pela frente do que eu já tinha vivido. Então, resolvi tornar o tempo que eu tinha pela frente mais prazeroso. Passei a falar: bom, se eu tenho menos tempo, eu tenho que vivê-lo de forma mais gostosa, mais saborosa e mais motivadora. Às vezes, uma dorzinha que se sente é porque a gente está sem ter o que fazer, e o ser humano precisa estar sempre em movimento.

Então, eu quero dizer para vocês que estou feliz que o Brasil tenha chegado ao ponto que chegou. Vocês sabem que aprovar uma lei neste país é fácil, é só ter maioria no Senado e na Câmara e a gente aprova. E, muitas vezes, faz-se uma lei que se debate com a disponibilidade de recursos e as coisas não acontecem como a gente gostaria e como está na própria lei. Então,



é preciso que todos nós tenhamos consciência – os senadores, os deputados, os aposentados e os jovens de cara enrugada deste país – de que o fato de ser aprovada uma lei não significa que amanhã tenha comida para todo mundo no prato. Significa que nós temos a responsabilidade de cumprir a lei e de criar as condições, quando começarmos a discutir o Orçamento da União, para que o dinheiro vá para o lugar certo, para atender à lei que nós próprios criamos.

Isso é muito importante, porque no Brasil tem-se o hábito de dizer que tem lei que pega e lei que não pega. A lei que não pega é a lei real. Eu me lembro de uma lei famosa no Brasil, quando – não sei se no governo Geisel – foram estendidos aos trabalhadores rurais os direitos previdenciários. O que aconteceu foi que os fazendeiros acabaram com as colônias, então ninguém tinha mais casa para morar na fazenda; ou seja, é preciso tomar todo cuidado para fazer as coisas com carinho, mas, ao mesmo tempo, com a responsabilidade de não permitir que a lei termine virando contra a pessoa que a gente pensou que iria beneficiar.

Nós estamos felizes. Felizes por vocês, felizes pelo Brasil, felizes pelo grau de responsabilidade da nossa Câmara dos Deputados e do Senado. Com muita competência, a Câmara já aprovou a reforma da Previdência Social e vai aprovar a reforma tributária, que nós estamos fazendo. O tempo, vocês sabem.

Falar com vocês é mais fácil porque todos têm muita experiência de vida e sabem que as coisas não são fáceis. Quando eu vejo a novela e vejo aquela netinha da Carmem e do Leopoldo falar com eles do jeito que fala, em casa, a gente tem vontade de dar umas palmadas nela. Eu, quando tinha 20 anos, nunca pensei em ter 50. Parecia tão longe, eu achava tão difícil chegar aos 50 anos e já vou completar 58 este mês. Eu quero chegar aos 80, aos 90. E se Deus for generoso comigo e me fizer chegar aos 100, será muito bom.

Acho que vocês representam o que nós temos de experiência acumulada. O que nós precisamos é saber aproveitar o que vocês acumularam.



Mas uma das coisas mais difíceis em política é a unanimidade. Aliás, a política existe justamente para exprimir as diferenças nas formas de agir e de pensar. E é bom que seja assim, porque essa diversidade nos enriquece. Mas há casos excepcionais. A política fez com que este projeto demorasse 7 anos de debate. Talvez o fato de ter demorado 7 anos fez com que as pessoas fossem aperfeiçoando mais, e nós chegamos a fazer algo melhor.

Muitas vezes, isso acontece na casa da gente. Quantas vezes passamos o ano inteiro pensando em comprar um presente para o neto, não dá para comprar, e a gente tem que deixar para o ano seguinte? Na política também é assim, as coisas nunca acontecem como a gente deseja, acontecem sempre como é possível acontecer.

Mas há casos, eu diria, muito excepcionais. São aqueles que unem as mais distintas correntes de pensamento em defesa de uma causa maior, um valor da civilização, um bem comum da humanidade. São momentos como este que engrandecem uma sociedade, definem um povo e marcam uma época. É quando a gente deixa de pensar pequeno e vai além das circunstâncias – o piso da história então range e a humanidade avança. Não é sempre que isso acontece. Mas hoje, sinceramente, penso que estamos dando um passo histórico.

O Estatuto do Idoso, que tenho a honra de sancionar nesta quarta-feira, modifica o rosto e a alma do Brasil. E muda ali onde mais precisamos mudar: fixando direitos que reforçam a precedência da vida sobre todas as coisas e a supremacia do bem comum sobre qualquer privilégio.

Mais importante ainda: o Estatuto tornou-se uma causa unânime entre as mais diversas correntes políticas do país – o que, sem dúvida nos torna, hoje, uma sociedade melhor que ontem. Seus 119 artigos formam um guarda-chuva de garantias legais que a sociedade devia a seus idosos. A partir de agora eles terão uma ampla proteção jurídica para usufruir direitos da civilização. Sem depender de favores, sem amargar humilhações e sem pedir



para existir. Simplesmente viver como deve ser a vida numa sociedade civilizada: com muita dignidade.

O Estatuto do Idoso reforça os laços de solidariedade do Brasil consigo mesmo – por isso é um marco republicano na nossa história. Hoje esse Estatuto abriga 20 milhões de cidadãos e cidadãs – aqueles que vieram à nossa frente e nos ensinaram a andar.

A trajetória desses brasileiros é um pedaço do nosso futuro; o seu futuro antecipa o nosso destino e o seu destino define a nossa sociedade. Para que esse gesto de solidariedade entre o presente, o passado e o futuro pudesse se consolidar, foram anos de luta do meu companheiro e querido amigo, senador Paulo Paim, da nossa querida cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul.

Ele iniciou essa jornada em 1997. Mas só agora, com o apoio do Senado, da Câmara, do governo, e graças a um consenso republicano que envolveu os mais diferentes partidos da Câmara e do Senado – do PMDB ao PFL, passando pelo PSDB – foi possível fazer em 6 meses aquilo que há 6 anos vinha sendo adiado: registrar em lei que, a partir deste Dia Internacional do Idoso de 2003, envelhecer neste país é mais do que sobreviver, é mais do que resistir, é mais do que ficar olhando a porta à espera de visitas que não vêm.

A partir de hoje, a dignidade do idoso passa a ser um compromisso civilizatório do povo brasileiro e isso eu vejo estampado na cara de cada um de vocês. Meus queridos companheiros e companheiras, não é a idade que impõe barreiras entre a felicidade e a velhice. Assim como não é ela que separa a infância da alegria; a juventude, da esperança; a maturidade, da auto-estima.

É possível, sim, viver, amar, sorrir e criar com dez, vinte, cinquenta, oitenta, cem anos. Porque o que nos separa da felicidade não é o tempo vivido, mas justamente o oposto: a espoliação do tempo de viver.

Esse é o desafio de todas as idades, portanto, um desafio de todos nós.



A espoliação mais perversa de um ser humano é aquela que subtrai da infância o tempo de aprender a brincar. Rouba do adulto o tempo de usufruir do seu trabalho com justiça e subtrai do idoso o tempo da serenidade e da fruição da experiência acumulada, na convivência com os seus. Quando não o relega ao abandono e ao esquecimento.

É justamente por isso que eu encaro esse Estatuto do Idoso como uma conquista de dignidade; uma celebração do respeito à vida; um elogio, enfim, à solidariedade humana.

Mas para que tudo isso se materialize, é preciso que esse instrumento de cidadania tenha a adesão de toda a sociedade, porque só assim as inovações que ele traz – e as leis que ele regulamenta – irão se transformar, de fato, em direitos na vida dos nossos idosos.

Hoje, cerca de 9% dos brasileiros têm mais de 60 anos. Esse contingente cresce num ritmo duas vezes superior à média da nossa população. Significa, portanto, que teremos cada vez mais experiência e serenidade para orientar os rumos do nosso desenvolvimento e decidir o futuro da nossa sociedade. Um povo que vive apenas do presente pode ficar girando em falso sem sair do lugar – e aí, sim, certamente vai comprometer seu futuro.

Não comungo com o pessimismo demográfico. Ninguém deve enxergar no aumento da esperança de vida uma ameaça ao futuro da sociedade.

Nós sabemos que o prolongamento da existência resulta em novos desafios, mas a humanidade já acumulou saber e conquistas suficientes para garantir vida digna a todo o ser humano na face da Terra.

Dia desses li um discurso do meu amigo e vice-presidente José Alencar, no qual ele lembrava como Juscelino Kubitschek ficou abalado com a derrota do Brasil no final da Copa de 1950 – eu acho que muitos aqui também ficaram abalados.

Ao sair do Maracanã – contava Alencar –, JK estava convencido de que o Brasil precisava de um projeto político arrojado, uma nova referência



histórica, um novo marco para devolver ao povo a auto-estima ferida naquela derrota. Anos depois – contrariando o pessimismo de muitos – Juscelino fez tudo aquilo que nós sabemos que fez inclusive este palácio, esta cidade, as estradas que rasgam o Brasil. E isso mudou o rosto e a alma do nosso país.

Tenho certeza de que esse Estatuto do Idoso também vai mudar a face do Brasil e vai tornar este país mais parecido com a sociedade que acalentamos desde a nossa juventude.

Como vocês vêem, envelhecer tem essas vantagens: nossos cabelos ficam mais brancos e ralos. Nossos sonhos vão se tornando cada vez mais fortes e coloridos. E, pouco a pouco, acabam por tomar conta da própria realidade. Eu quero dizer a todos vocês que, neste dia extraordinário em que se comemora o Dia Internacional do Idoso, o que nós estamos fazendo hoje é apenas constatando o avanço que a sociedade brasileira está tendo e que foi visualizado pela Câmara e pelo Senado – que conseguiram aprovar este Estatuto.

Eu quero terminar, olhando para a Clara Sharf, essa menina de 79 anos de idade, e dizer: Clara, minha querida, a velhice enrugando apenas o nosso rosto; a negação e a traição dos nossos ideais termina por enrugando a nossa alma e eu não tenho dúvida de que vocês são idosos de alma limpa, que estão com o rosto com um pouquinho de rugas, mas a alma de vocês está límpida porque vocês ainda continuam acreditando que nós vamos fazer deste país uma nação onde todos, das crianças aos mais idosos, possam conquistar a sua cidadania real.

Muito obrigado e boa sorte para vocês.